

- pontos-de-vista -

Relações Universidade-Empresa

Mudança de mentalidade



Rocha de Matos

de formação profissional que têm surgido, alguns apoiados pelo Fundo Social Europeu?

R.M. — Julgo que sim, que se tem que fazer um estudo de mercado para saber que tipo de formação dar às pessoas. Esta situação de escassa formação foi provocada pela abolição do ensino técnico em 1974, e que obedeceu a razões políticas e não económicas.

Assim, passaram a ser as empresas a ter que formar os seus trabalhadores, com o consequente aumento dos custos. Também tiveram que fazer face aos custos de reciclagem contratando instrutores. Estas situações estão-se a alterar graças aos cursos patrocinados pelo instituto de emprego e formação profissional assim como pelo fundo social e europeu. Estes cursos permitem também que os jovens, que recebem uma formação generalista, entrem em contacto com as necessidades reais. No entanto estes cursos não podem nem devem resolver todas as necessidades. O que há a fazer é vol-

tar a reajustar e actualizar o ensino básico, de maneira a que as pessoas quando saem das escolas se possam incorporar ao mercado de trabalho. O que se poderia fazer é aproximar nos últimos anos da universidade, a formação teórica à prática, através por exemplo dum estágio numa empresa nos últimos meses, incluído no currículo.

Não pode ser esquecido o papel activo de algumas instituições de formação extra-escolar, em que incluímos a COPRAI enquanto departamento de formação da AIP, as quais têm desempenhado um papel supletivo e complementar ao próprio sistema escolar e extra-escolar, tutelados respectivamente pelos Ministérios da Educação e do Trabalho.

A essas instituições de formação, com destaque para a COPRAI, deve a economia do país muita da sua disponibilidade e capacidade para se modernizar e enfrentar os desafios da reconversão tecnológica ou sectorial.

N.E. — Mas o facto de es-

te esquema não existir não será um pouco de culpa das empresas? Não se poderia estabelecer em Portugal uma relação Empresa-Universidade análoga àquela verificada por exemplo nos Estados- Unidos?

R.M. — Não acontece por o ensino ser estatizado.

N.E. — Mas existem universidades privadas.

R.M. — Mas a mentalidade estatizadora já vem de há longos anos.

Nos Estados Unidos as Universidades funcionam numa base empresarial há longos anos. Em Portugal só agora se avançou nesse sentido, e tem-se chocado com grandes obstáculos, nomeadamente da Assembleia da República. E isto porque em Portugal quando se fala de ensino privado, é imediatamente sinónimo de elitismo o que pode não ser verdade. O elitismo só aparece quando a sociedade o permite. Por outro lado, o empresário foi muito mal visto aqui há uns anos, razão pela qual nem se lhe ocorria

N.E. — Mas os protocolos não ficaram em simples acordos formais? Não creio que sejam reais aproximações entre as empresas e as Universidades.

R.M. — São protocolos que estabelecem inclusivamente a participação das indústrias em alguns conselhos de Universidades, com influência na análise curricular dos cursos, e garantia por parte das empresas de possibilidades de estágio ou trabalho.

Está a desenvolver-se um esquema entre a Universidade

Técnica e as empresas, através do Fundetec, em que as empresas contribuem com uma quota anual para esse fundo que se destina a subsidiar investigações por parte dos alunos, enquadradas nas necessidades das empresas.

Também a AIP participou na Uninova. Todas estas iniciativas vão durar um certo tempo a cimentar-se, pois sempre uma mudança de mentalidade, o que não se faz de um ano para o outro, pode inclusivamente levar uma geração.

Julgo é que a mudança decorrente do ingresso da CEE nos leva a desenvolver um esforço cultural que pode acelerar estas mudanças. Para isso contribuirá sem dúvida esta nova geração de jovens, extremamente agressivos e que começa não só a dizer o que quer, mas a fazê-lo.

Era impensável que há vinte anos esta conversa tivesse lugar entre outras coisas devido ao desfazimento existente entre as empresas e os estudantes. ■

pensar nessa possibilidade. Felizmente esta situação já está ultrapassada.

N.E. — Esm não vejo qualquer impedimento a que essa colaboração se estabeleça entre as empresas e as Universidades de Estado, como aconteceu com a Uninova.

R.M. — Esta casa tem vários protocolos nesse sentido, com o Instituto Superior de Economia, com a Universidade Católica e outras.

Empresas - rel. O Universidade